

A UBA

Por ocasião da Exposição Antropológica do Museu Nacional, os visitantes puderam examinar á vontade uma *uba* (canoa) carregada e manobrada por um indio, conforme representa a nossa gravura.

A *uba* é uma canoa feita da casca de varios *jutahys* (*Hymenaea*) cortadas longitudinalmente nos troncos, e depois mantidas abertas por travéssas roliças, amarrando-se as extre-

Além dos *jequiás* de taquara para a pesca, de varios formatos, transporta elle um enorme *pirarucú* e um cacho de bananas.

O *pirarucú* é o bacalháo do Amazonas; o seu commercio é alli avultadissimo, pois vende-se secco como alimentação mais procurada pelas classes pobres. Affirmam algumas pessoas que o provaram, preparado pelos indigenas, ser excellente; outros, porém, asseveram o contrario. Quer nos parecer que



UBÁ

midades (pôpa e prôa) com cipó, formando uma especie de trançado que lhe dá fortissima resistencia.

São rasas, leves e impermeaveis, vogam com extrema rapidez e mantêm-se bem equilibradas até nos saltos mais perigosos. Os selvagens ribeirinhos do valle do Amazonas dão-lhes preferencia.

A gravura, que representa o exemplar exposto no Museu, está carregada e em viagem, o indio impulsiona-lhe o movimento e a dirige com a maior vigilancia, pois está a ponto de vencer perigosa passagem.

o peixe não seria máo se fosse mais bem preparado e sobretudo bem salgado. Seria talvez genero de exportação se assim fosse tratado; mas n'ò Amazonas, como por todo o Brazil, os processos de salgação são muito empiricos; a prova está na carne secca do Rio Grande do Sul, que não pôde competir com a do Rio da Prata.

Os indios ribeirinhos são em geral bons navegadores; em qualquer *casquinha de noz* percorrem leguas e leguas de rios bastantes volumosos e profundos. O eminente romanista Julio Verne não se deu ao trabalho de

estudar bem os varios systemas da nossa navegação indigena, por isso ao seu romance a *Jangada* falta a feição característica, e principalmente o variado do descriptivo, que aliás é a parte mais bella de seus romances do novo mundo e das regiões asiaticas e australianas.

A vida indigena não está ainda bem estudada, do ponto de vista industrial; a descripção dos instrumentos de trabalho ou passatempo são mal descriptos pelos antigos chronistas; os de guerra são um tanto melhores, mas ainda assim deixam muito a desejar. E uma das causas de semalhante falta é a gravura, que nos seculos XVI a XVIII era mal explorada em Portugal; as obras illustradas sobre o Brazil daquelle periodo são na maior parte estrangeiras.

Modernamente pouco mais temos adiantado, apesar do auxilio da photographia; os nossos colleccionadores descaram muito essa parte da nossa ethnographia. Muito é para

lastimar-se que nem sequer a Academia de Bellas-Artes tenha uma collecção de taes desenhos, como aliás muito seria proveitoso ao ensino e mórmente ao nacionalismo da arte.

Posto não seja ainda tão nitido quanto desejamos o desenho desta embarcação, comtudo o exemplar da *ubi* que acompanha este artigo dá bem idéa desse producto da industria dos indigenas amazonenses. Não ha arte, é tudo primitivo, mas ainda assim observa-se certa elegancia no talhe da piroga, é *quebrada* com destreza, formando angulos obtusos suaves, e posta a nado apresenta uma fórma que exprime bem o sentimento do bello, do architecto naval das florestas, que só com o auxilio da natureza forneceu ao homem tão seguro meio de locomoção maritima.

F. F.



BIBLIOGRAPHIA

Offereceu-nos o Sr. Dr. Rozendo Moniz um exemplar do estudo biographico-critico que escreveu a respeito de seu illustre pai, Moniz Barreto—o repentista; e que acaba de ser editado pelo Sr. B. L. Garnier, a quem se deve tantas e tão boas edições de obras nacionaes.

O livro do Sr. Dr. Rozendo Moniz é o que se pôde chamar um bom trabalho; estudo consciencioso, investigação profunda e critica sincera. Outros mais exigentes notariam talvez excesso de entusiasmo, e extrema benevolencia, mas tudo isso não pôde deixar de ser desculpavel em um critico desde que tem de occupar-se de seu proprio pai, tambem como elle escriptor e poeta. Está acima da contingencia humana o furtarmo-nos a taes ditames do coração, e não seriamos nós por certo quem applaudiria o filho que tivesse bastante dureza de animo para escapar a tão natural quão irresistivel influencia.

Ainda assim o Sr. Dr. Rozendo Moniz não se esqueceu de que é tambem philosopho, e nem tudo achou só para applaudir e exaltar; mais de uma vez aponta eclipses desse bello astro poetico que por tanto tempo brilhou no céu de sua querida provincia da Bahia.

Moniz Barreto foi um genio poetico, não ha duvidal-o. Estude-se o *meio* em que

viveu, avalie-se o seu gráo de instrucção logo em começo interrompida pelo dever sagrado de combater pela independencia da patria, acompanhe-se par e passo a vida trabalhosa e quiçá mesmo intercalada de profundos desgostos, e se reconhecerá, com inteira justiça, o valor real do grande repentista.

Não foi creador de uma escola, mas o seguidor da de Bocage e emulo do mestre. Como o poeta sadino. Moniz Barreto possuia em alto gráo o dom do improviso, e nas composições meditadas era tambem poeta notavel que muito honrou a lingua portugueza. Suas numerosas producções são dignas de ser colleccionadas para serem legadas á posteridade como documento irrecusavel do brilhantismo da poesia brazileira no largo periodo que abrange a longa vida do laureado vate bahiano.

O Sr. Dr. Rozendo Moniz, sobre o levantar um bello monumento á gloriosa memoria paterna, enriqueceu a nossa bibliographia com uma obra de incontestavel merecimento e valia.

F. F.

SORRISO ETERNO



ênê arde de febre.

Andam todos nas pontas dos pés, tristemente, enxugando o canto dos olhos.

Os labios murmuram orações.

O ninho de Nêê, onde todas as manhãs o sol é saudado com o aroma dos sorrisos e a musica da sua vozinha, transformou-se em leito de hospital. Esquecem-se de mudar-lhe os lençóis; algumas gottas de medicamento mancharam a sua almofada de paina e seda, e, a seu lado, n'uma pequena mesa de cabeceira, enfileiraram uma bateria de armas contra a morte—as tisanas.



E nas laranjeiras do pomar chilream os canarios da terra.



Os seus cabellos são louros, louros da côr ouro-baço, ondulantes e fartos como os cabellos de uma fada; seus olhos têm um pouco do céu e um pouco do mar, mas, neste momento, têm mais as ardentias do mar em dia de verão do que da tranquillidade do céu em manhãs de Maio; seus labios, vermelhos como os bagos da romã, foram crestados pela febre, e entreabertos deixam luzir docemente umas contas de neve. A côr da sua pelle, a linha do seu rosto fazem lembrar as virgens das balladas allemãs, e os seus dedos de santinha pousam sobre o peito que a doença faz arfar

Emquanto Nêê definha-se, os canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.



Entrou o medico.

Andam todos nas pontas dos pés.

A esperança adeja pelos cantos da casa. E' uma ave invisivel, mas todos a presentem.

Dir-se-hia que o sol brilhou mais puro, que o céu tornou-se mais azul, a aragem soprou mais leve.

Oh! Deos! Os dias hão de ser menos pesados.

A doença cede. Nêê reanima-se.

Que illusão!...

Mas Nêê ha de erguer-se em breve. O bando de canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.



— Filhinha, minha filhinha, reanima-te! Que não dava eu para te ver sã! Deos que me peça pela tua vida minha vida... Diz a mamãi.

E a avósinha, toda tremula, murmura ao canto, passando entre os dedos as contas do rosario:

— Virgem Santissima, ó misericordiosa! Levai-me em lugar do anjo, levai-me. E meus cabellos brancos serão, para gloria vossa, tão louros como os della; e meus labios resequidos, que só sabem orar, saberão sorrir. Levai-me por ella, ó doce, ó piedosa mãe dos afflictos!...



Jesus!

Todos tremeram. Passou pelo quarto de Nêê um máo agouro. O ar está tão frio! O dia tão melancolico!

Mas, lá fóra, o céu é azul, e o sol aquece.

Nêê sorrio.

Não foi nada.

Ergueram-se todos. Nêê continúa a sorrir.

— Vejam, vejam. Nêê vai melhor. Diz a mamãi.

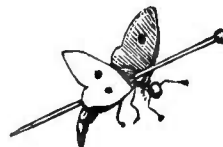
Mas Nêê continúa a sorrir, sempre a sorrir, e o seu sorriso é eterno.

— Acudam. Nêê está morta... Acudam.

A avósinha continúa a rezar no canto do quarto.

E os canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.

SYLVINIO JUNIOR.



PALESTRAS HISTORICAS

A primeira exploração á costa do Brazil

III

(Continuação)

D. Manoel, apesar de todos os seus pensamentos e cuidados estarem imersos na recente descoberta da India, não descurou a noticia da nova terra que Cabral descobrira e tomára posse. Uma armada composta de tres navios foi equipada para percorrer e demarcar a sua extensão, reconhecer melhor quaes os seus recursos, e se porventura existiam nella povos mais adiantados dos que aquelles que André Gonçalves observára na sua ligeira exploração e conduzira para mostrar em Lisboa.

Sobre a identidade do chefe que commandava esta pequena esquadra, de que Americo Vesputio fez parte, como nos transmittio, são as opiniões desencontradas. Asseveram alguns que este commandante fôra o mesmo Vesputio, e assim é considerado pela maioria dos escriptores estrangeiros, e por alguns portuguezes que escreveram no XVI e XVII seculo, sem duvida guiados pelas suas famosas cartas publicadas pela imprensa em seguida ás suas explorações, o documento mais antigo referente á historia da exploração nesta parte da America.



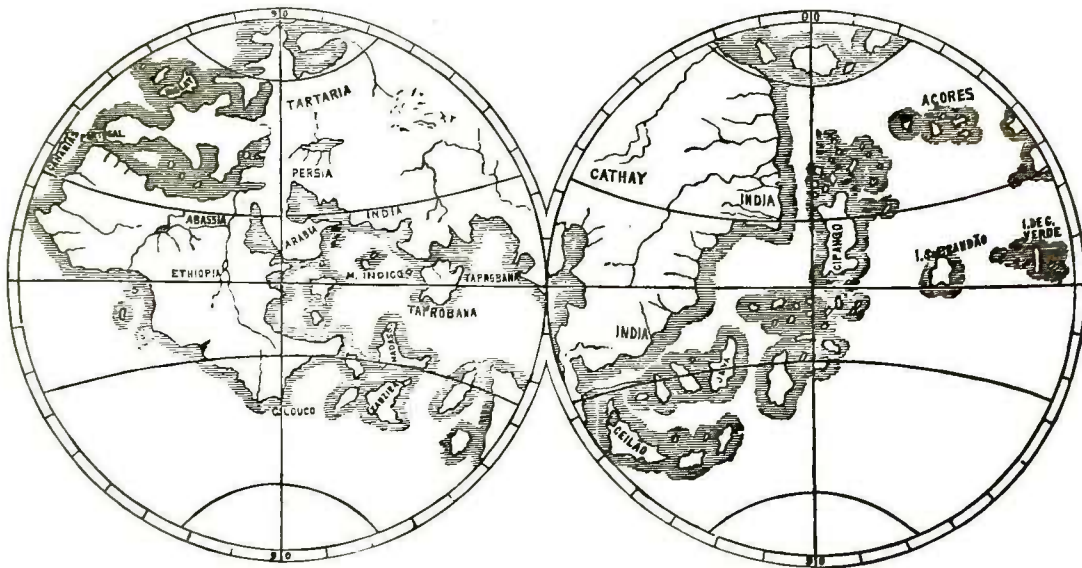
AMERICO VESPUTIO

Esta affirmativa não tem razão de ser, pois é destruida pela propria carta de Vesputio, deprehendendo-se de toda a sua narrativa que outro era o encarregado do commando em chefe, sem comtudo lhe declinar o nome.

A má interpretação de suas cartas e sobretudo a falta de documentos, destruidos ou guardados com todo o recato para que ninguem os podesse manusear, concorreu para que a Vesputio fosse dada a chefia desta primeira exploração. Documentos ccevos, posteriormente encontrados por eruditos em afanosas investigações, têm emfim, ainda que não bem claramente, dado muita luz em tal assumpto, pela qual fica bem evidenciado que Americo Vesputio não veio em nenhuma exloração ao Bra-

zil como chefe supremo no commando, mas que effectivamente percorreu a sua costa, e lhe cabe o melhor quinhão na gloria de seus primeiros exploradores.

O visconde de Santarem, e antes delle outros escriptores, são de opinião que ao celebre florentino não cabe a gloria de haver feito viagem alguma



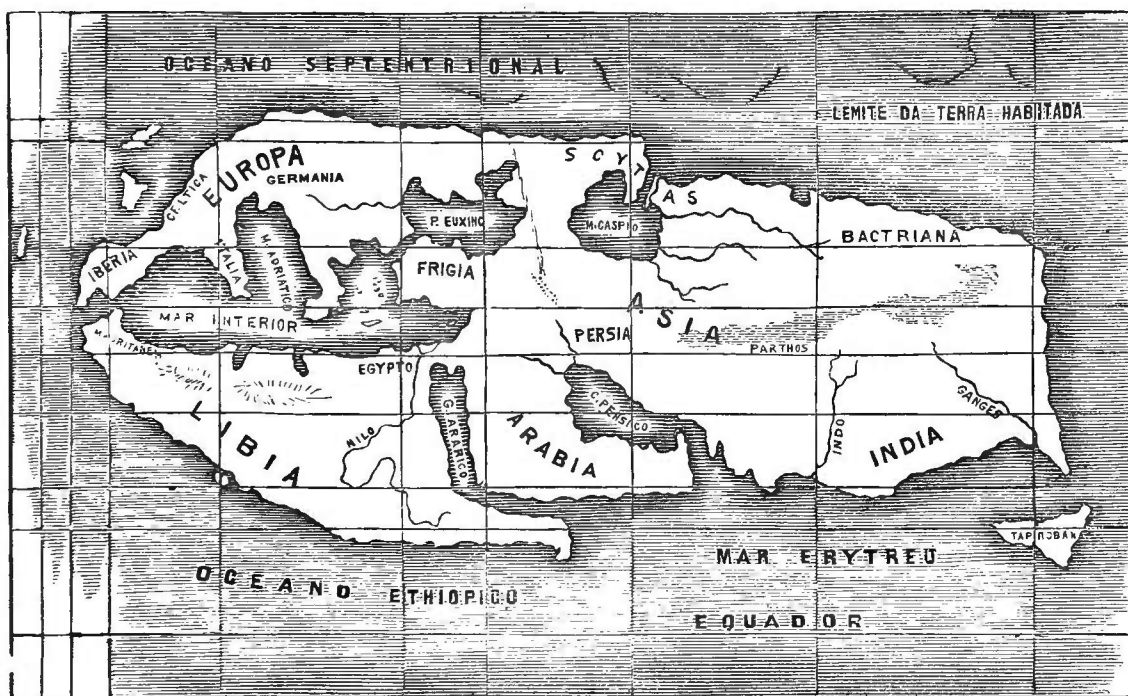
GLOBO DE MARTIM BEHAIM

à terra de Santa Cruz ; que as cartas delle referentes á sua exploração nesta parte da America, não são mais que um parto inventivo delle, proveniente de informações que lhe foram prestadas, e que elle chamára a si essa gloria, movido por amor proprio, muito principalmente pela fama que lhe adviria, fazendo conhecido um novo mundo na sua patria, no resto da Europa, onde não chegavam noticias detalhadas de semelhantes descobrimentos, pelo empenho que os portuguezes e hespanhoes faziam em não querer que taes noticias passassem as fronteiras da peninsula iberica.

Os autores de tão desfavoravel juizo sobre Vespuccio encontraram, porém, um valente adversario no autor da *Historia do Brazil*, o finado visconde de Porto Seguro, que em diversos escriptos pretende provar que, embora o visconde de Santarem não podesse encontrar nos archivos portuguezes e estrangeiros documento algum que confirmasse haver

dizem que o commandante em chefe foi Gonçalo Coelho, entretanto que dão como portador da nova descoberta Gaspar de Lemos, em lugar de André Gonçalves, portador que por justas razões devêra ser o nomeado, pelo conhecimento que adquirira da terra, fosse elle André Gonçalves ou Gaspar de Lemos⁹.

Gonçalo Coelho é certo que era um marinheiro experimentado, mas que não estava nos casos de preterir André Gonçalves ou Gaspar de Lemos, que infallivelmente não lhe eram somenos em conhecimentos nauticos, e como elle acostumados aos tufões do Atlantico, além do que não seria de bom grado que se sujeitasse a servir debaixo de suas ordens, considerando-se em igualdade de merito. Dizemos não se sujeitar, porque é evidente que André Gonçalves fazia parte da expedição, conduzindo-a ao noroeste da costa brasileira, lugar sem duvida explorado no retrocesso que fez para Lisboa.



MUNDO DE STRABÃO

estado em Portugal o mesmo Americo e ser encarregado de fazer as explorações no Brazil, já como commandante-chefe, já como cosmographo, effectivamente Vespuccio fez parte da primeira exploração, não commandando toda a frota, nem simplesmente chefe de um dos tres navios, mas encarregado da parte scientifica, bem como acompanhou a segunda expedição commandando um navio, que pelo littoral do Brazil procurava uma passagem por onde podesse penetrar nas ilhas das especiarias e em Malaca, como então se afigurava facil semelhante empreza.

Americo Vespuccio não foi, pois, o commandante em chefe desta primeira exploração, ainda que nella se achasse e nos transmitisse o que della sabemos.

A maioria dos escriptores portuguezes e brasileiros, fundados em Damião de Góes, que escreveu sessenta annos depois do descobrimento do Brazil,

O visconde de Porto Seguro presume que o commandante desta primeira expedição foi D. Nuno

⁹ Os autores que dão Gaspar de Lemos como o portador da noticia do descobrimento, não mencionam sequer André Gonçalves como fazendo parte dos companheiros de Cabral. Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, e com elle o autor das *Armadas Portuguezas*, publicado pelo Dr. Mello Moraes no *Brazil Historico* (que nos parece copia do codice 10,023, existente na Bibliotheca Real de Paris, descripto pelo visconde de Santarem), dizem que um dos capitães de Cabral foi André Gonçalves, o mesmo que Gaspar Corrêa dá como enviado a Lisboa com a noticia do descobrimento. Gaspar de Lemos, o mesmo Corrêa o dá naufragado na altura do cabo da Boa Esperança, sendo o seu navio um dos quatro que o terrivel cyclone submergiu á vista da esquadra, com toda a gente que os tripolava.

O que é certo é que embora Gaspar de Lemos não fosse um dos naufragos, não figura dessa data em diante em nenhuma das expedições da India, nem é mencionado nas relações dos feitos maritimos, na Africa ou Brazil.

Manoel, grande valido do successor de D. João II, que com elle se criára quando ainda não sonhava subir ao throno.

Semelhante supposiçãp parece-nos não ser admissível, porquanto D. Nuno Manoel, além de nada entender da nautica, era um alto empregado da côrte, com valiosos proventos e um dos fidalgos que o rei considerava como seu colago; tinha numerosa familia, filhos que educar, além do que de semelhante empreza não lhe podia advir grande gloria, visto as informações de Pero Vaz da Cunha, e, muito melhor ainda, as que levou André Gonçalves, nada serem lisonjeiras, nada terem de attrahentes ¹⁰

Não parece provavel ser D. Nuno o commandante, porque mezes antes de partir a expedição havia fallecido em Hespanha seu irmão primogenito, D. João

¹⁰ D. Antonio Caetano de Souza, na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, que tanto se estendeu na vida de D. Nuno Manoel, nada diz sobre qualquer viagem que o mesmo D. Nuno fizesse ao Brazil. O autor das *Razões* para o tratado de 1681 entre Hespanha e Portugal, historiando as primeiras explorações ao Brazil, apenas se refere ás viagens de Vespuccio. Parece que os documentos naquella época já escasseavam como hoje, ou estavam aferrolhados, que ninguem os podia lorigar.

Manoel, camareiro-môr e grande privado do monarcha, que o havia enviado á côrte de Fernando e Isabel para contractar o seu segundo casamento com a princeza D. Maria, filha dos reis catholicos.

Ora, D. Manoel, com o pezar ainda tão recente da perda de D. João, é mais que provavel não se lembrasse de mandar D. Nuno a uma expedição arriscada, a uma terra desconhecida, aonde lhe podia acontecer o mesmo que um anno depois aconteceu a Gaspar Corte Real, perdido nas inhospitas regiões do noroeste das novas terras descobertas por Colombo.

Mais ainda: como se sabe, a primeira expedição para explorar o Brazil sahio do Tejo em 10 de Maio de 1501 e recolheu-se em 7 de Setembro de 1502. Ora, em Outubro seguinte do mesmo anno de 1502 D. Nuno Manoel, segundo Damião de Góes, acompanhou o monarcha portuguez á romaria de S. Thiago de Compostela como seu almotacé-môr. Não é crível que sendo D. Nuno o commandante da expedição, antes de um mez, em que o tempo era pouco para descansar das fadigas da viagem, fosse em excursão com D. Manoel á Galiza, quando o tempo lhe era escasso para o repouso.

(Continua.)



Reisebilder

Da Côrte ao Macuco

Partimos.

Eramos um grupo alegre e ruidoso de estudantes em férias.

Iamos nós, os alumnos da Escola Polytechnica, em exercicios praticos, percorrer a estrada de ferro de Cantagallo e buscar um abrigo contra a temperatura candente deste alto forno — a côrte.

Às 5 horas e ³/₄, de uma manhã de janeiro findo, a barca, em que tomámos passagem, singrava nas aguas tranquillas, como uma superficie especular, da formosa Guanabara.

O espaço começava rapidamente a desnublina-se.

O sol vinha espaiarecer-se num céu retalhado de azul.

A atmosphera serena e limpida côava em nossas almas uma paz profundamente consoladora.

Ao longe, na frisa dos horizontes ensanguentados, estendia-se a linha harmoniosa e ondulante dos contornos da serra dos Orgãos, dourados pelos lampejos da luz matinal.

No fundo deste quadro, destacavam-se imponentes as fachadas dos edificios e as flechas dos templos da grande capital, que despertava languidamente, após uma noite calida de verão.

Toda a natureza vibrava com o rhythmico de umas palitações de vida.

Quanta belleza no firmamento!

Quantas estrophes crystallinas, cheias de um lyrismo ideal, na pagina obscura de nossas phantasias!

Como era bello sonhar umas tantas cousas risonhas e perfumadas de encantol!

E os sonhos evolavam-se em grossas espiraes ascendentes, assim como os rolos de fumo da chaminé.

De repente, ouvio-se um ruido surdo. Abicavamos em Sant'Anna de Maruhy.

Era pouco depois das seis horas.

Após havermos examinado detalhadamente, durante algum tempo, todas as locomotivas Baldwin e Fell pertencentes á via-ferrea, que deviamos estudar; seguimos em trem especial para o Macuco, ponto

terminal da linha. Viajava, em nossa companhia, além dos nossos illustrados lentes, Srs. Drs. Viriato Belfort e Ortiz, o sympathico engenheiro Sr. Dr. S. Paulo, que veio expressamente ao nosso encontro, por especial recomendação do distincto director da estrada de ferro de Cantagallo, Sr. Dr. J. Teixeira Soares, uma das glorias da engenharia brasileira e cavalheiro de uma amabilidade extrema.

Seis horas e 30^m. Fôra dado o signal da partida. Embarcámos ás pressas, sobraçando as nossas malas. O comboio poz-se logo em movimento.

A nossa viagem em *wagon* estrepou estupidamente; mas acabou com as alegrias sonoras de uma *première*, cheia de visualidades estupendas.

A principio, a natureza repetia-se com uma monotonia insipida.

Tudo era banal e chato, prosaico e desanimador, em torno de nós.

A vegetação rachitica e enfesada arrasava-se por uma zona esteril e alagadica.

A planicie corria extensa e baixa, coberta de pantanaes medonhos. Os decadentes povoados e as velhas fazendolas, que se adivistavam espalhados aqui e acolá, eram como antitheses pifias, na grande solidão daquellas paragens desertas.

Felizmente chegámos a Cachoeiras. Haviamos percorrido 73,440^m kilometros.

Estavamos na raiz da serra.

A estrada de ferro, cuja bitola é de 1^m,10, além da grande quantidade de trilhos Barlow, atirados á margem da estrada, após a sua substituição pelos trilhos Vignole, nada possui digno de nota, neste trecho, a não serem extensos alinhamentos rectos e pequenas pontes metallicas, de viga recta e treliça americana, contraventadas superiormente em arco; o que é de um máo gosto incrível.

Proximo á estação do *Porto das Caixas*, existe tambem um tunnel de 33^m,85 de comprimento, perfurado em rocha pouco consistente e revestido de alvenaria de tijolo.

Até a estação de Cachoeiras, a famosa estrada de ferro de Cantagallo, um verdadeiro desastre sob o ponto de vista tecnico e financeiro, não tem opportunidade de empregar o decantado systema *Fell*.

Este systema, verdadeiro meio termo entre o de locomotiva de simples adherencia e os systemas especiaes, foi provisoriamente, durante a perfuração do tunnel, empregado no monte Cenis, onde os accidentes repetidos patentearam os defeitos da *locomotiva de trilho central e pressão lateral*, defendida

pelo barão Séguier e applicada pelo engenheiro inglez, Sr. Fell.

Da Italia foi importado o systema *Fell* para a Cantagallo, onde, apesar das innumeradas tentativas de aperfeiçoamento, tem sido uma das causas da ruina economica daquella ferro-via, em má hora encampada pela provincia do Rio de Janeiro.

Pelos abalisados engenheiros Srs. Drs. R. Vieira Souto, nosso digno lente e H. Hargreaves, foi projectada para a E. F. de Cantagallo, a substituição do systema *Fell* pelo de planos inclinados, cujo motor seria a agua.

Ultimamente encommendou-se á fabrica Baldwin, em Philadelphia um typo de poderosas locomotivas, com freios especiaes adherindo ao trilho central, caracteristico do systema *Fell*, que, em uma palavra, fôra totalmente desprezado. Aquelles freios servem para regular a velocidade, na descida das rampas assaz escarpadas.

Na America do Norte, sobre o monte Washington, no New-Hampshire, applicou-se igualmente o systema *Fell*, sem nenhum resultado. Esta disposição, que emprega, para obter maior adherencia, o trilho central, contra que fazem pressão, num plano horizontal, as rodas motrizes conjugadas da machina, foi alli substituido pelo de cremalheira Riggenbach, sendo munida a machina de uma roda dentada, que engrena com aquella ultima.

Digamos de passagem que os systemas Agudio e Righi são os unicos destinados a vencer a subida das nossas serras, no Brazil.

De Cachoeiras para cima, opera-se uma mutação lenta e gradativa no vasto panorama circumdante. O scenario não se transforma bruscamente. Os effeitos surprehendentes de sombra e colorido, a variedade e o novo aspecto das fórmas naturaes, as deformações do solo e os pequeninos detalhes de *mise-en-scène*: tudo isto parecia estudado com esmero, ensaiado a capricho e montado artisticamente, como nas magicas theatraes, para produzir uma impressão esthetica e duradoura aos olhos estupefactos dos espectadores.

Natura non facit saltus.

Todas essas perspectivas, que se desenrolam, com uma successão logica, ao longo do valle do Macacú, cujas aguas limpidas e marulhosas rolam sobre um leito de rochas, que nascem á flor do terreno de tons avermelhados; todos esses paineis assombrosos, em que o ponto de vista varia a cada instante, á medida que se sóbe, são realmente lindos; mas brutaes, fatigantes e esmagadores.

Com effeito, desde a estação de Villa-Nova até a de Cachoeiras, que fica a 48^m,22 de altitude, a linha segue o valle do rio Macacú, no qual ella desenvolve-se até o *Alto da Serra*, situado a 1080^m,58 acima do nivel do mar.

Nesse importante trecho percorrido, em cujos ultimos 13k372^m,740 empregou-se o condemnado systema *Fell*, os declives chegam até 10 % e as curvas descem a ter raios de 25^m: o que se póde chamar um *tour de force* inaudito, tornando-se por isso a ascensão difficil e muitas vezes perigosa.

de despezas e empregar os actuaes trilhos de aço Bessemer, que só se deterioram no fim de tres annos approximadamente

Não são, pois, raros os desastres occasionados ao galgar essas rampas fortissimas, em que os alinhamentos curvos de raios tão diminutos multiplicam-se á borda de precipicios insondaveis; nas depressões profundas e sombrias rasgadas no seio dos rochedos, onde se cavam os debarrancados junto de despenhadeiros horriveis.

Emquanto o monstro de aço contorcia-se, soltando gemidos estridentes ao cavalgar



SERRA DOS ORGÃOS

Sirva de exemplo o desmoronamento de uma montanha, destruindo a ponte sobre o rio Pomba, que foi substituída por um viaducto mixto, de viga armada; afim de não ser interrompido o trafego. Dizem que, ao sahir desse viaducto, a estrada faz uma curva, cujo raio é de 20 metros!

De mais, justamente por causa da subida muito ingreme, os velhos trilhos de ferro gastavam-se depressa, sendo renovados de tres em tres mezes mais ou menos. Consumia-se assim grande parte da renda da estrada, com a conservação da linha, nesta secção, que vai da *Bocca do Matto* até o ponto culminante da via permanente. Tornou-se preciso estancar semelhante fonte permanentemente

o dorso da penedia; nós contemplavamos absortos e pensativos a paisagem esplendida, feérica, scintillante e grandiosa, onde avulta a floresta densa das arvores gigantescas; ou ouviamos attentos o sussurro longo e monotono das catadupas, cujos echos casavam-se ao ruido aspero da locomotiva, num dueto estranho.

Estamos no *Alto da Serra*, onde se acham estabelecidas as officinas para os reparos necessarios ao material rodante da estrada.

Alli, opera-se a divisa das aguas e a temperatura baixa consideravelmente.

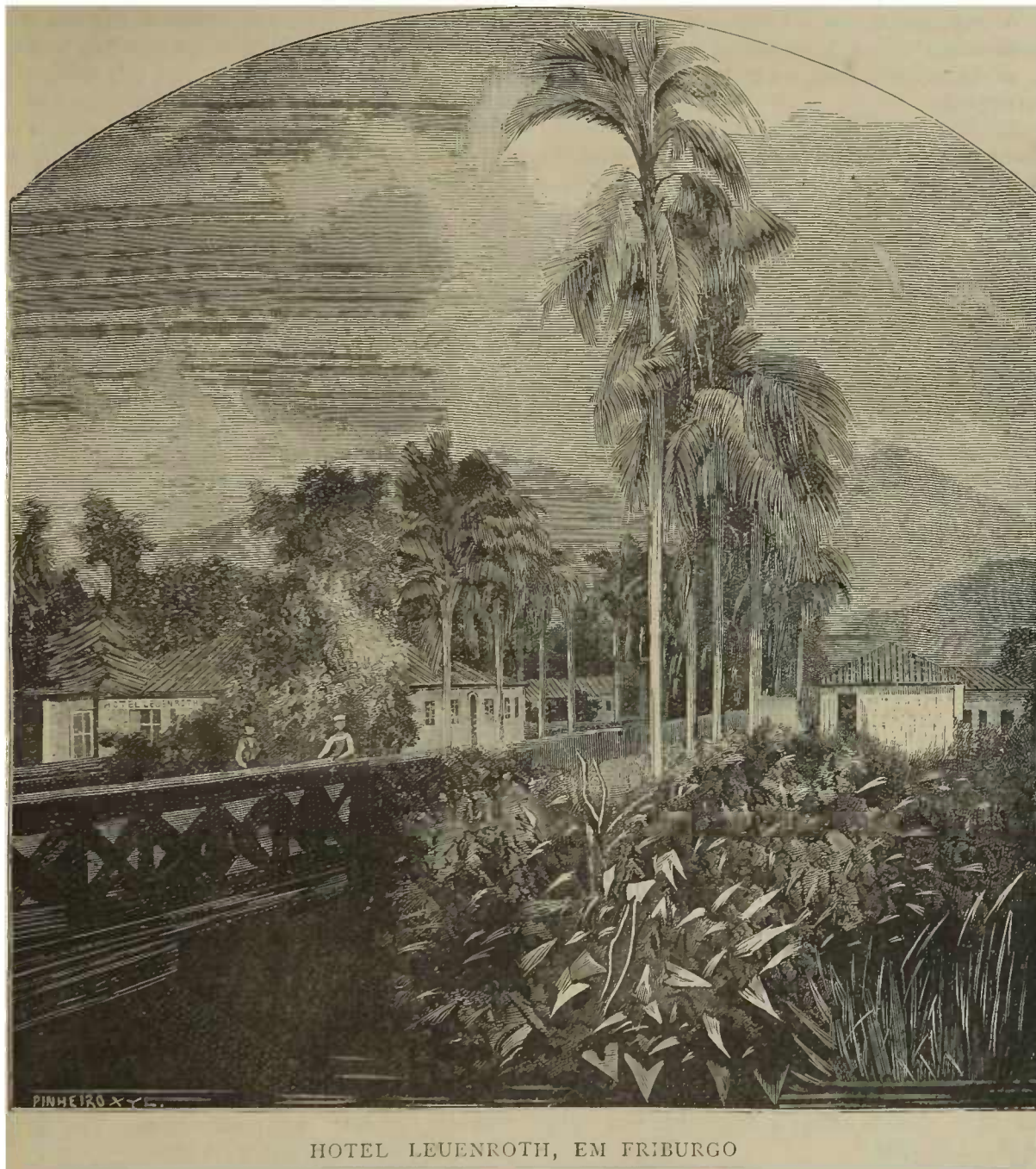
A vista dilata-se por uma area mais ampla e goza-se de um bem-estar confortavel.

Depois, principia-se a descer suavemente, através do valle do rio Santo Antonio, até Nova Friburgo, onde fica a estação central no kilometro 108,622^m. Chegámos ás 10 horas e 35^m e pousámos.

No dia seguinte, após uma ligeira refeição, proseguimos em nossa viagem de estudos

dona este valle e ganha uma das margens do rio Bom Jardim, para alcançar o valle do rio Macuco, seguindo-o até a Cachoeira dos Paulinos.

Ora afastavamo-nos, ora approximavamo-nos do rio Macuco, cortando-o repetidas vezes, antes de chegarmos ao entron-



HOTEL LEUENROTH, EM FRIBURGO

e recreativa, pela margem direita do rio Bengala, sendo antes atravessada aquella formosa villa. Transpuzemo-nos para a margem esquerda e internamo-nos pelo prodigioso valle do Rio Grande, onde a linha apresenta, no seu traçado, notavel movimento de terras e importantes exemplos de curvas reversas. Em seguida, ella aban-

camento do ramal de Cantagallo.

Proseguindo, descemos para o arroio da Varzea e penetrámos no municipio de Santa Magdalena.

Tendo attingido ao ponto terminal da linha, na estação do Macuco, que acha-se no kilometro 179,121^m; gastámos cerca de meia hora, visitando a localidade.

A' tarde, voltámos para Friburgo, delicioso retiro, onde devíamos demorar-nos alguns dias.

Antes, porém, de nos occuparmos com este feliz recesso de tranquillidade espirital; externemos rapidamente a nossa opinião de conjuncto a respeito da estrada de ferro de Cantagallo.

A impressão, que a visita desta via-ferrea fluminense deixa no espirito do observador, é, a principio, pessima; por fim, bôa e favoravel.

Realmente, a linha, além de ser pobre em obras d'arte, tem graves defeitos de tracado, taes como curvas muito apertadas e rampas de 8% a 10%; defeitos que, reunidos ao deploravel emprego da disposição *Fell*, em excesso complicada, deram um resultado totalmente negativo.

Mas, as bellezas naturaes e as difficuldades vencidas, á proporção que se caminha para a ponta dos trilhos, servem de uma especie de compensação.

Além disto, a conservação do leito da estrada muito deixa a desejar.

Entretanto, a actual administração do illustre Sr. Dr. Teixeira Soares tem envidado todos os esforços para melhorar aquelle estado de cousas, principalmente quanto ao horario e serviço dos trens.

E' devido á dedicação, zelo e competencia technica deste infatigavel e benemerito director, que a interessante via-ferrea cantagalense tem conseguido realizar progressos imensos e incontestaveis.

Não era de esperar outra cousa do abalizado engenheiro, que dirigiu as obras em construcção da estrada de ferro do Paraná, esse trabalho colossal da engenharia brasileira.

Voltemos para Friburgo.

NOVA FRIBURGO

Fundado em 1819, a expensas do Estado, este antigo nucleo colonial suiso, sito no *Morro Queimado*, tornou-se mais florescente com a localisação de immigrants allemães feita em 1824, e emancipou-se em 1831, passando desde então a denominar-se villa de Nova Friburgo.

Está collocada no fundo de um valle estreito, contornado de montes alpestres, cujos altos cabeços apresentam fórmulas conicas graciosas; tornam, porém, excessivamente acanhado o horizonte do lugar, que parece achar-se no fundo de uma enorme taça de pedra.

E' na linha de maior declive daquella bacia apertada, que correm os rios Bengala,

Conego e Santo Antonio, cujas aguas avolumando-se com as cheias periodicas, extravasam pela zona lateral, onde foram lançadas as fundações da ex-colonia, produzindo inundações perigosas e causando graves danos ao povo laborioso daquella villa.

Foi no sentido de evitar os effeitos prejudiciaes da grande elevação do nivel das aguas daquelles rios, que a turma dos engenheiros civis de 1886, em exercicios practicos de hydraulica, acaba de proceder alli a estudos importantes de canalisação, sob a direcção do distincto lente da Escola Polytechnica, Sr. Dr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira.

Os estudos consistem no seguinte:

Levantamento da planta e nivellamento de um trecho de 3 kilometros, dos rios Bengala, Conego e Santo Antonio, no qual os dous primeiros vão confluir.

Area das secções transversaes, determinação do volume e velocidade das aguas dos referidos rios, de vinte em vinte metros.

Com taes elementos pretende-se elaborar um projecto que, com o menor dispendio, consiga afastar as causas das inundações.

A primeira planta topographica rigorosa da villa foi levantada em 1883, durante os exercicios practicos de estradas, pelos alumnos do quinto anno da Escola Polytechnica, sob a direcção do talentoso lente da mesma academia, Sr. Dr. Paulo de Frontin.

A planta acha-se actualmente depositada no edificio da camara municipal.

A posição geographica de Friburgo é: Latitude 22°20' Sul.—Longitude 35' (em arco) ou 22°22' (em tempo).—Altitude 851^m,51.

Desde a sua fundação, a attrahente ex-colonia suissa, que no futuro será a nossa mais celebre cidade de banhos, recommendou-se sempre por seu clima temperado e pelas suas aguas crystallinas. Junte-se a tão propicias condições hygienicas um estabelecimento hydrotherapico de primeira ordem, inaugurado pelo fallecido medico Dr. Eboli e ter-se-ha a razão porque, no caso de certas molestias, os enfermos e convalescentes preferem ir respirar temporariamente os ares puros e saudaveis de Friburgo.

Acham-se aqui installados dous pequenos observatorios metereologicos: o do Sr. Dr. E. de Menezes e outro pertencente ao Sr. Carlos Engert, proprietario do *Hotel Leuenroth* e um distincto cavalheiro que, pela sua actividade, intelligencia e iniciativa, muito tem contribuido para o desenvolvimento do torrão, onde reside e goza de reconhecida influencia.

Da ~~inspecção~~ minuciosa ás notas tomadas pelo Sr. C. Engert, de julho de 1882 a dezembro de 1886, deduzimos uma média climatologica favoravel á salubridade desse canto de provincia privilegiado, apesar das repetidas chuvas e da excessiva humidade relativa. E' o que aconteceu a outras cidades de planalto, construidas perto do mar; v. g. Petropolis, S Paulo e Curityba.

Sob o ponto de vista architectonico, a edificacão da villa é, em geral, singela e desprerenciosa. Destacam-se, todavia, entre as modestas casas, que bordam as compridas ruas e curtas travéssas, varios edificios elegantes e sumptuosos, de uma architectura um tanto phantastica, porém estheticamente bellos. A estação central da E. F. de Cantagallo e a matrizinha são modeladas no estylo classico

Existe tambem uma praça ajardinada e, o que é mais, uma outra famosa, sita junto á encosta de um morro: é a pittoresca *Fonte dos Suspiros*, appellido romanesco, o *rendez-vous* vespertino, em que se reune o *high-life* friburguense

Perto admira-se a *Village*, bairro encantador, habitado por uma boa parte da populacão. A gravura á pag. 89, devida ao talento dos Srs. Pinheiros, pai e filho, representa a elevacão do *Hotel Leuenroth*, com a paisagem adjacente e a vista de uma ponte de madeira sobre o rio Bengala.

Este vasto estabelecimento, onde estive-mos hospedados, não receia de competir, em luxo, asseio e commodidade, com os congeneres hoteis *Central* e *Salussi*.

Seja-nos permittido terminar, narrando brevemente a nossa estada adventicia em Friburgo.

Francamente, foram uns dias enfarruscados e frios, cheios de tristezas tumulares e arrastando-se á tóa. Para variar, as noites... oh! que noites deliciosas e inolvidaveis.

Após a monumental troça feita aos padres salesianos pelos alumnos da Escola Polytechnica, cahiram estes na sympathia dos habitantes de Friburgo. Talvez, por isso, fossemos ahi bem acolhidos e honrados com immerecidas provas de apreço.

Depois do escurecer, o nosso ponto de encontro era o *Leuenroth*. O amplo salão de visitas do hotel, diariamente transformado para as *soirées* dadas em nossa honra, tinha um aspecto deslumbrante.

Havia uma concurrencia limitada e selecta de moças, que davam áquellas reuniões familiares o tom intimo de um idyllio feerico.

Aosom do piano, os pares voavam, voavam arrastados vertiginosamente pela cadencia da musica.

As curvas molles dos seios virginaes arfavam ao cansaço das danças; enquanto, lá fóra, a briza ventarolava as ramas dos arbustos.

Illusões da mocidade! Almas abertas em flor á immensa frescura das manhãs da vida! Esperanças translucidas, sorrindo na sua plena eclosão luminosa!

Taes são as reminescencias confusas e fugazes das noites passadas em Friburgo.

Essas perfumadas recordações, esses perfis idealmente divinos de rostos feminis vistos através da transparencia de uma sala de baile; em summa, esses paineis esbatidos de luz, com um fundo artisticamente ensombrado, forneceriam o assumpto de uma tela magnifica ou de um romance scintillante; jámais, comtudo, o thema destas mal alinhavadas linhas.

Ah! se todos os moradores da cõrte se quizessem compenetrar da utilidade de ir atravessar a phase mais quente do verão, em Nova-Friburgo.

Sim, leitores. Ide passeiar o vosso tedio acolá defronte, no alto daquellas montanhas azuladas Vereis como um grupo de *gentlemen* esenhoras da melhor sociedade esforçar-se-ha por vos fazer esquecer um pouco da vossa vida pacatamente burgueza, com uma amabilidade e um espirito verdadeiramente adoraveis.

Voltareis de lá alegres, com o coração talvez ferido por alguma loura saudade; mas, com os pulmões arejados por um oxygeneo tonificante e puro.

Foi o que nos succedeu.

ADOLPHO HARTMANN.





Morta de Amor?....

(A ALFREDO PINHEIRO)

I

As quatro filhas da viuva Borges apenas duas estavam solteiras.

Eram Amelia e Deolinda. Amelia devia ter dezesseis annos, Deolinda dezenove. Amelia era morena, talhe curto e elegante; tinha olhos negros, sobrancelhas arqueadas e um sorriso casto e perenne nos labios. Deolinda parecia uma viuvinha ideal, por parecer inconsolavel.

Era alta, structura bem contornada, olhos oblongos, escuros e tristonhos, maneiras discretas e, sobretudo, de uma ligeira pallidez melancolica que a tornava encantadora.

Quem passasse pela estrada, que se estendia em frente da habitação da viuva Borges, por entre a espigada rama das casuarinas, divisaria o seu busto gracioso á janella do sotão. Alli passava ella quasi a metade do dia a costurar. E nunca, em memoria de homem, houve lembrança de tel-a sorprendido a reparar os transeuntes.

Essa gravidade valeu-lhe na villa a cognominação de «Santinha... do páo ôco.» Mas ninguem ousava levantar duvidas contra a sua virtude. Os vasos de violeta que ella todas as manhãs regava na janella do sotão, as suas costuras e, uma vez ou outra, alguns romances de Julio Diniz, que lia á noite, formavam as unicas preocupações da sua vida. Nada mais. O bacharel Severiano, o juiz municipal, dizia á viuva:

— D. Deolinda é uma heroína de poema.

E o Joaquim Bastos, o filho mais velho do Antonio Bastos, um fazendeiro do municipio, revirando os olhos, concluiu:

— Ah! Sra. D. Venancia Borges, Sra. D. Venancia Borges, se eu fosse solteiro!... Olhe, D. Deolinda tinha em mim um escravo.

Deolinda sorria tristemente. Aquellas palavras zumbiam ao redor de seus ouvidos como levandiscas sobre os lagos.

Acordavam o quer que fosse em seu coração, que a tornavam mais pallida, mais triste e mais linda. Erguia-se para dissipar a tristeza, abria o piano, passeiava os dedos por sobre o teclado, cantarolava baixo alguma aria;

porém, involuntariamente, como se nenhuma energia existisse na sua força de vontade, as notas que arrancava do piano eram elegiacas, as arias que cantarolava eram plangentes.

Ouvia-se bater palmas, á porta da entrada, e uma voz sibillada dizer:

— Dão-me licença?

Era o Octavio, um primo do Joaquim Bastos, um negociante, que estava de passeio na villa. Vinha sempre bem penteado, cheirando a oleo perfumado, a barba escanhoadá, o bigode luzente de brilhantina, a *toilette* fresca e bem collocada. Devia ter vinte e oito a trint'annos. Não era feio. Tinha o rosto oval, a pelle clara e o nariz um pouco grande.

E, logo da porta, risonho e adamado:

— Queiram-me desculpar, mas não posso roubar-me ao prazer...

Davam-lhe lugar n'um *fauteil*, perto do sofá, e os seus pequeninos olhos castanhos feriam, firmes, os enlanguescentes olhares de Amelia.

Deolinda ficava mais triste com a chegada de Octavio, e quasi sempre, quando lhe pediam para cantar a ballada do *Guarany*, era com duas lagrimasinhas no canto dos olhos que ella suspirava a derradeira nota.

II

Nos primeiros tempos da frequencia de Octavio á casa da viuva Borges, Deolinda acolhia-o com contentamento, não expansivo, porém visível. A' sua voz, erguia-se presurosa e ia-lhe receber á entrada. Depois de certo tempo notou que os olhares de Octavio procuravam com maior insistencia a Amelia. E teve ciumes da irmã. Santo Deus!

Que luta! A sua presença aborrecia-lhe, e a sua propria irmã, tão criança e tão boa, parecia-lhe uma criminosa abjecta. Foi com um esforço supremo que conseguiu vencer a força de sua paixão; domou victoriosamente a fêra; mas a fêra domada tem as veias incandescentes de odio, e espojando-se, submissa, aos pés do domador, ruge surdamente. A melancolia que depois disso avassallou-lhe era poderosa. Uma noite, tendo ella debruçado-se á janella, Octavio veio collocar-se a seu lado:

— Que noite linda! Disse elle.

Deolinda olhava para o céu estrellejado. Uma doce claridade, tranquilla e balsamica, irrompia do horizonte, por traz dos muros negros das montanhas.

— Linda! Respondeu ella.

A sua voz tinha a dolencia enternecedora da flauta.

— Convida a amar.

Continuou Octavio.

— A quem ama.

— Como! A senhora não ama?

— Eu?

Sorriu, pestanejou, e depois de muito tempo, a faltar o céu: — Infeliz que sou!...

— Por Deos! D. Deolinda! Que eu dissesse tal cousa, vá, mas a senhora!...

— O senhor julga-se infeliz?

— Muito, minha senhora. Infeliz como ninguem. A pessoa a quem amo...

— Não o sabe. Não é assim?

— Creia.

Deolinda estremeceu, e, engastando o seu olhar no olhar de Octavio, murmurou:

— Não ha indiscrição em confessar o nome dessa pessoa?

— A senhora consente-me?

Uma irradiação de alegria e duvida envolveu a physionomia da moça, e foi com a voz nervosa que ella disse-lhe:

— Consinto. Falle.

— Amelia. Sua irmã.

— Amelia...

Balbuciu Deolinda. E sorriu com amargura. Calou-se, abaixou a cabeça, e depois com uma resolução violenta:

— Creio que ella o ama tambem, porém é muito criança ainda. E' acanhada. Comtudo peço-lhe licença para transmittir-lhe a sua declaração.

— Oh! como lhe ficarei agradecido...

Deolinda não deu tempo a que elle concluísse a phrase. Pedio permissão e afastou-se da janella. Amelia estava ao piano, ella fel-a erguer-se e entraram ambas para o interior.

Desde esse momento a tristeza de Deolinda transformou-se em hypocondria, que, com o isolamento da villa, augmentava rapida. Nunca mais viram-n'a sorrir. Andava constantemente preoccupada com as costuras e com as violetas, o seu trabalho e a sua distracção, os unicos amigos da sua mocidade infeliz, que um amor inutil corrompeu e a doentia existencia da villa assassinava, aos poucos, com o frio prazer de um monstro.

Na vespera do casamento da irmã, Deolinda, por um caso excepcional, desceu ao jardim para colher umas rosas.

De repente sentio atraz de si estalar a arêa. Voltou-se e vio na sua frente Octavio, a sorrir:

— Que milagre! Já se aborreceu das violetas?

Ella disse que não e continuou no seu serviço. Octavio deitou o chapéo de palha no chão, e, para ajudal-a, ia enchendo-o de rosas.

— Estão bellas! Dizia elle. Estão bellas!

Mas Deolinda nada fazia. Estava parada, com as mãos sobre as faces. Deixára as rosas cahir a seus pés e chorava.

— Que mal lhe aconteceu, D. Deolinda?

Perguntou Octavio, sorpreso, abandonando a colheita. Ella, sem levantar o rosto das mãos, fez um movimento convulsivo com a cabeça:

— Sou muito infeliz. Oh! muito, muito!

E rompeu a soluçar afflicta, desconsolada.

Octavio empallideceu; fectou-lhe sem consciencia, e carinhosamente tomou-a entre os braços:



E CARINHOSAMENTE TOMOU-A ENTRE OS BRAÇOS

— Não se afflija. Vamos, D. Deolinda. Diga-me que tem ?

Fallou-lhe com doçura, como se fosse um pai, um amigo sincero, um irmão extremoso. Ella esteve um momento encostada ao seu braço, sem dizer uma palavra, convulcionada pelos soluços ; mas, subitamente, como um insecto que se desprende de uma teia, desenlaçou-se dos braços de Octavio e subio para a casa, a correr.

III

Amelia e Octavio partiram para a côrte.

Estava terminado tudo. Os dous, que se iam, levavam como as aguas da vasante a alegre brancura das escumas, e diante della ficava apenas o lodo negro da costa. Em redor a natureza envelhecêra. As casuarinas tinham o rude aspecto das estacas de uma casa arruinada pelo tempo; o tento selvagem alastrava o jardim, retorcendo e assassinando as plantas; o ar de Outubro era triste e pesado; errava por esse desolamento a taciturnidade dos cemiterios; o abandono da vida e da alegria.

A' noite, depois do chá, que mãe e filha tomavam em silencio, recolhiam-se. A negra vinha fechar as portas; andava na ponta dos pés para não fazer barulho; as linguetas de ferro estalavam nas fechaduras como movidas com cautela, por mão criminosa.

N'uma manhã Deolinda acordou-se muito tarde, tinha os olhos pisados, estava mais pallida e queixava-se de enxaquêca. Durante o dia sentio arrepios de febre, foi deitar-se. No dia seguinte peiorou, passára toda a noite muito afflicta, ardente, os olhos brilhantes, as faces ruborisadas. O Joaquim Bastos veio visital-a, tomou-lhe o pulso, fez cara de medico cuidadoso, e depois :

— Intermittente... disse Isto não é nada.

A' tarde chegaram duas amigas de D. Venancia. Vinham ajudal-a a servir Deolinda. O bacharel Severiano e o medico tambem estiveram; mas o medico ao retirar-se tranquillizou a velha :

— Não tenha susto, D. Venancia; o caso não é grave.

Tinham accendido uma lamparina á Immaculada Conceição, que estava sobre a commoda; a luz batia-lhe no pequenino rosto oval, levemente carminado, e os seus olhos de vidro, voltados para o céu, luziam melancolicamente. Deolinda movia-se no leito; arfava vencida pela febre; procurava retirar as cobertas de sobre o corpo, murmurava phrases incompreensiveis; ás vezes, fallava em Octavio e Amelia, lembrava-se de episodios passados na sua infancia e sorria.

De quando em quando davam-lhe o remedio e tomavam-lhe o pulso. Ella dizia: Estou melhor... E continuava na mesma afflicção. Momentos depois quedou-se; os seus olhos brilhantes procuravam no espaço alguma cousa que passava pela sua fantasia em delirio, fez um gesto frouxo com o braço, indicando uma cousa que vôa, e collocando as mãos, como quem óra, gemeu :

— Mamã...

D. Venancia acudio sollicita, com as lagrimas a lavarem-lhe as rugas :

— Que me queres, filhinha ?

— Pede a Nossa Senhora que me salve...

A pobre mãe deixou a cabeça pender sobre o peito. O Bastos levou-a dalli, dizendo que isto fazia mal a Deolinda. Aquillo não era nada, passava

A negra entrou na ponta dos pés e foi collocar um lampeão de kerosene sobre a commoda. A imagem da Immaculada irradiou no meio daquella dupla claridade. Via-se-lhe distinctamente a doce expressão do rosto, as dobras do manto azul ultra-mar recamado de flores douradas, as mãosinhas de madeira cruzadas sobre o peito, a ponta do pé descalço pisando um crescente onde se enroscava o aspide verde-escuro.

Deolinda recusava-se tomar o medicamento.

— Para que ? E' inutil... Como é bom estar nos braços de Octavio ! Que alegria para Amelia estar vestida de preto. Olhem, faltam as flores da corôa.. E as borboletas como adejam... parece festa !

Delirava. De repente queixou-se do frio, encolhendo-se ás cobertas :

— Que frio, Jesus !

Uma das enfermeiras apalpou-lhe as pernas: gelavam. Levantou-se, apanhou dous cobertores e estendeu-os sobre ella. A outra enfermeira chamou o Bastos, com um aceno de mão, porém, elle sacudio a cabeça negando-se; tinha D. Venancia entre os braços.

Deolinda morria: agitava os braços nus procurando desfazer-se das cobertas; seus olhos tão negros e tão lindos, agora immoveis, envolviam-se na baça claridade do aniquilamento; seus labios murmuravam sons confusos, um mixto de suspiros e queixas que se perdia no silencio funerario daquella alcova. D. Venancia, como se adivinhasse, desprendeuse dos braços do Bastos e veio cahir junto do leito da muribunda.

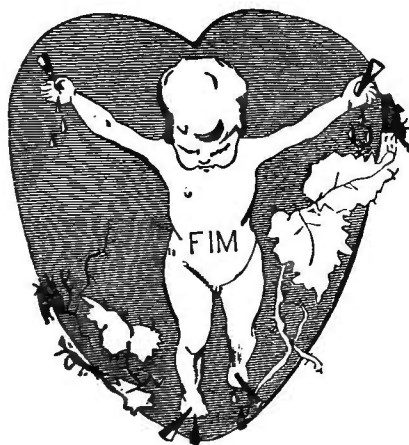
A noite baixava lenta, amorosa, cheia de um silencio alto, pulverizado pela melancolica placidez do luar. E Deolinda morria: estrebuxava como uma criança, quasi sem forças, quasi sem agonia; seus braços torneados, porém frios, estavam estendidos ao

songo do corpo ; seus pésinhos reuniram-se loba coberta ; uma abertura da camisa deixava a luz lambe-lhe um dos seios, docemente redondo, um pouco volumoso, turgido de virgindade, pallido como a margem de vellino em livro antigo ; e a sua linda cabeça de moça, mergulhada direita sobre o fôfo travesseiro de paina, parecia esculpida em marfim.

Em redor do leito soluçavam afflictivamente.

Através dos vidros da janella via-se o céu luminoso, extenso, liso como uma chapa de aço polido, e as tres casuarinas do jardim que, de quando em quando, agitavam, de leve, as suas varas espigadas, como se dissessem — Adeus.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



MOSAICOS

O CORAÇÃO

O coração humano é de seis pollegadas de comprido, quatro pollegadas de diametro, e bate 70 vezes por minuto, 4,200 por hora, 100,800 por dia e 36,817,200 por anno.



ORIGENS DA LINGUA INGLEZA

Um curioso empreendeu, ha poucos annos, fazer una tabella das linguas e dialectos que têm contribuido para a formação do inglez.

Eis o resultado do seu trabalho : 6,732 vocabulos derivados do latim ; 6,651 do hollandez ; 4,812 do francez ; 1,665 do saxonio ; 1,148 do grego ; 211 do italiano ; 103 do allemão ; 95 do bretão ; 75 do dinamarquez ; 56 do hespanhol ; 50 do islandez ; 31 do

gothico ; 30 do sueco ; 16 do hebraico ; 13 do arabe ; 6 do irlandez ; 4 do russo ; 4 do gallico ; 4 do flamengo ; 3 do escosse ; 3 do syriaco ; 2 do irlandez gallico ; 1 do turco ; 1 do portuguez ; 1 do persa ; 1 do frisão e 1 incerto.



CALCULO CURIOSO

PARA SABER-SE COM EXACTIDÃO O NOME DO DIA EM QUE ALGUEM NASCEU

Sabendo-se com precisão o dia, mez e anno em que alguem nasceu ou alguma cousa se fez, escrevem-se os dous ultimos algarismos do anno immediatamente anterior ao do nascimento, adicionando-lhes a quarta parte desse numero, desprezadas as fracções, se houver ; mais ainda o algarismo cinco, e finalmente mais a totalidade dos dias decorridos desde o 1º de Janeiro até o do mez e anno em que nasceu, inclusive, não esquecendo mais um dia do anno bisexto, se nesse nasceu.

Sommem-se essas quatro addições e divida-se por sete : o resto da divisão indicará o dia da semana em que nasceu, e, se não houver sobra alguma, esse dia será sexta-feira.

Assim, pois, é representada a sexta-feira pelo signal 0 ; sabbado, 1 ; domingo, 2 ; segunda-feira, 3 ; terça-feira, 4 ; quarta-feira, 5 ; quinta-feira, 6.

Supponhamos que alguem nasceu a 25 de Março de 1850, faz-se então o seguinte calculo :

Anno anterior ao do nascimento	49
Quarta parte desse numero.	12
Accrescente-se o algarismo	5
Total dos dias decorridos de 1º Janeiro de 1850 até 25 de Março.	84
Divide-se.	$\frac{150}{10} \overline{) 7}$
	3

Divide-se esse numero por sete alcançando resto — tres — o qual corresponde ao dia segunda-feira.



Das linguas e dialectos conhecidos 143 pertencem á Asia, 53 á Europa, 115 á Africa, 117 á Oceania e 422 á America.



Por causa de um pince-nez

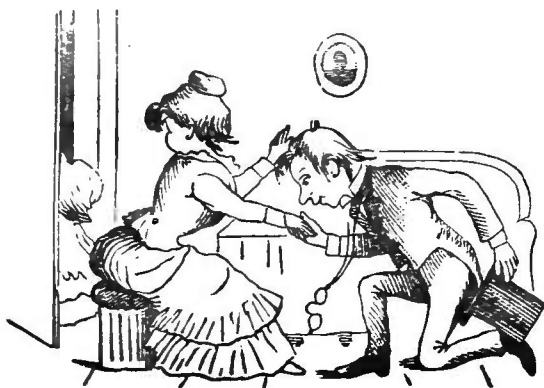
HISTORIA EM CINCO CAPITULOS

I



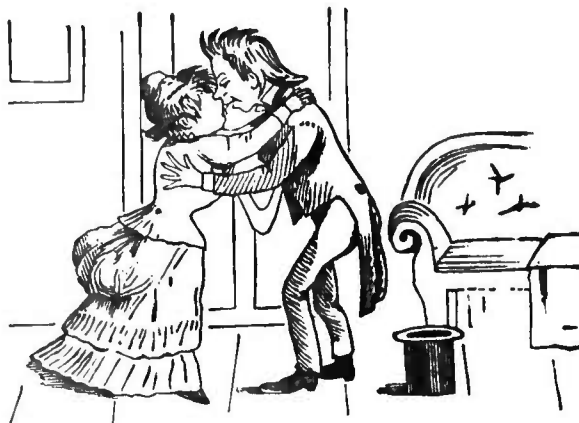
Fritz Max, doutor em musica pela universidade de Rostock, solicita de D. Joanna da Lapa a mão da sua innocente filha Candida, o que lhe é concedido, « com todo o gosto »

II



De joelho em terra, Fritz agradece a « suprema ventura. » Candida volta o rosto, não por vergonha, mas para ver se a mãe já sahio da sala.

III



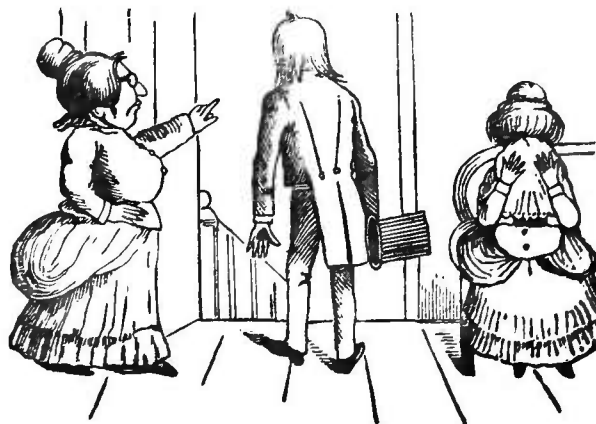
Vendo-se sós, os dous beijam-se, como... noivos que são.

IV



Ouvindo do corredor estalos suspeitos, D. Joanna volta e pilha-os amarrados pelo pince-nez.

V



Mulher de cabellino na venta, a sogra em perspectiva põe o noivo no olho da rua. Candida desata a chorar. Malvado pince-nez !